

ENTREVISTA ANTÓNIO SARAIVA,
PRESIDENTE DA CIP

"Só o incremento das exportações permite conceber um futuro"

A indústria portuguesa responde por quase três quartos do total das exportações.

SÓNIA SANTOS PEREIRA
sonia.pereira@economico.pt

O presidente da CIP, António Saraiva, defende em entrevista realizada por email a importância da indústria para a recuperação económica do País. Como salienta, a grande maioria dos produtos que Portugal exporta são provenientes do tecido industrial, que também é gerador de emprego. E salienta o esforço que as indústrias têm feito na qualidade e inovação, criando mais valor acrescentado.

No momento difícil que o País atravessa que papel a indústria nacional pode desempenhar para inverter a tendência recessiva da economia e impulsionar o regresso ao crescimento?

O papel da indústria é fundamental na medida em que este sector constitui o principal elo da integração da economia portuguesa na economia europeia e mundial. Grande parte das nossas exportações – quase três quartos do total – são bens produzidos pela indústria. Pela sua contribuição para o aumento das exportações, e também para a substituição competitiva das importações, a indústria é um sector crucial. A curto prazo, o aumento significativo das exportações é indispensável para compensar a inevitável contracção da procura interna que o Programa de Ajustamento implica. A médio e longo prazos, só o incremento das exportações permite conceber um futuro sustentável, com crescimento económico e geração de emprego.

No cenário nacional e internacional, será relevante apostar na reactivação da indústria portuguesa e no incremento da produção nacional?

Durante um ciclo de 14 anos sucessivos, apenas interrompido no ano passado, a indústria perdeu peso na economia portuguesa, significativamente penalizada face a sectores protegidos da concorrência internacional. Desde há muito que a CIP tem vindo a alertar para a necessidade de inverter esta tendência. De facto, o agravamento do desequilíbrio externo, os níveis que a dívida externa acumulada atingiu e a crise económica e financeira tornaram evidente o carácter insustentável do crescimento com base em sectores abrigados da concorrência internacional e a importância da indústria e, em geral, dos sectores produtores de bens e serviços transaccionáveis para o des-

“
No curto prazo, a contenção de custos é incontornável. Por isso a nossa insistência na redução da taxa social única, na redução das rendas do sector eléctrico (...) e, em geral, na redução dos custos de contexto.



António Saraiva, presidente da CIP, defende que "se não forem os sectores abertos ao exterior a ganharem um maior protagonismo na economia, qualquer sinal de recuperação será efémero".

Paula Nunes

envolvimento equilibrado da economia portuguesa. Se não forem os sectores abertos ao exterior a ganharem um maior protagonismo na economia, qualquer sinal de recuperação será efémero.

Tendo por base a importância da indústria como factor de desenvolvimento da economia e de criação de emprego, qual deverá ser a estratégia da indústria nacional para vencer nos mercados?

Vencer nos mercados implica, em primeiro lugar, ir à procura desses mesmos mercados, apostar neles, aproveitar as oportunidades que encerram. Este é um esforço que, visivelmente, as nossas empresas estão a fazer. Mas o sucesso implica também maior competitividade, adequando a evolução dos custos aos ganhos na produtividade. No curto prazo, a contenção de custos é incontornável. Por isso a nossa insistência na redução da taxa social única, na redução das rendas do sector eléctrico, com equidade no esforço a exigir aos vários intervenientes e, em geral, na redução dos custos de contexto. A médio e longo pra-

zo, as empresas terão de aumentar a sua produtividade, o que exige investimento e uma forte aposta na afirmação de marcas, no design, na inovação, na organização e na capacidade de gestão.

A indústria nacional deverá concentrar-se nos sectores tradicionais onde tem 'know-how' ou deverá apostar mais na produção de bens e serviços com valor acrescentado?

A aposta na produção de bens e serviços com mais valor acrescentado nacional não significa subestimar o papel dos sectores ditos tradicionais. Muitas das empresas desses sectores têm prosseguido com sucesso estratégias de diversificação dos seus produtos com base na qualidade, inovação, criatividade e moda, aumentando o valor acrescentado e incorporando mais tecnologia. As empresas de vários desses sectores conseguem já vender os seus produtos no exterior a um preço médio significativamente superior ao dos seus concorrentes. Diria que é necessário reforçar toda a estrutura produtiva do país numa perspectiva inovadora, moderna e competitiva. ■